

Práticas Discursivas Identitárias e Memória: Representações Femininas nas Páginas da Revista Paranaense Ideias¹

Naiara PERSEGONA²

Ariane PEREIRA³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

A desigualdade entre homens e mulheres ainda existe em pleno século XXI. Presenciamos inúmeros casos de machismo no próprio dia-a-dia, que são mais comuns do que imaginamos ou reparamos. Isso se dá através de discursos carregados de significados que sobreviveram ao tempo, ideologias anteriores às conquistas femininas por direitos. O objetivo da pesquisa é analisar como a mulher é representada no discurso jornalístico, através do objeto Revista *Ideias* do Paraná. Dessa forma, queremos saber quem são as mulheres retratadas, e como a revista trabalha o discurso em torno do sexo feminino. Para isso, lançaremos mão do conceito de Formações Discursivas, pertencente ao repertório da Análise do Discurso de linha francesa.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Análise do Discurso; Formações Discursivas

Introdução

As mulheres por muitos anos lutaram (e lutam) em busca de igualdade. Falar em machismo e preconceito no século XXI é muito mais fácil que no passado, ao menos a sociedade admite que o tratamento desigual entre gêneros existe. Mas, a luta das mulheres ainda está longe de ser “vencida”, prova disso, por exemplo, são as baixas ocupações e cargos importantes, fator que deixa evidente que o mundo ainda está muito mais “nas mãos” de homens.

Para ilustrar essa situação, através de um recorte mais específico (ambiente paranaense) essa pesquisa busca analisar as representações da mulher e quais interpretações relacionadas à figura feminina pode-se perceber no texto jornalístico. O objeto de estudo a ser analisado é a revista paranaense *Ideias*, esta que trata de política, economia e cultura. A revista foi fundada em 2003 pelo jornalista Fábio Campana.

Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicentro, email: naiara.persegona@gmail.com

Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unicentro, email: ariane_carla@uol.com.br

Foram analisadas sete edições da revista, sendo essas as publicações em que apareciam mulheres na capa até a centésima tiragem. (Edições: 51, 53, 81, 82, 91, 98, 99).

Os pilares para a análise das reportagens partem das Formações Discursivas, termo que foi abordado por Michael Foucault e Michael Pêcheux em seus estudos da Análise do Discurso. Por sua vez Pêcheux e Foucault influenciaram e embasaram os estudos de muitos outros autores, aqui no Brasil, por exemplo, Eni. P Orlandi, Helena H. Nagamine Brandão e Cleudemar Alves Fernandes, estudiosos da Análise do Discurso; que vão contribuir para esta pesquisa.

As Formações Discursivas na Análise do Discurso

A Formação Discursiva é um conceito da Análise do Discurso. A FD seria a fala influenciada pela posição social e/ou aspecto histórico do emissor, surge então o conceito de formação ideológica. Pêcheux define como: “conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras”. (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 166).

(...) o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2003, p.42)

Dessa forma, a FD é o campo que procura compreender os sentidos do discurso, os porquês das palavras significarem isto ou aquilo conforme alguns fatores que estão por trás de quem fala, portanto as ideologias que cercam o discurso.

(...) as palavras não tem sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. (ORLANDI, 2003, p. 43)

O que torna interessante o conceito de Formações Discursivas é que estas são reflexos da sociedade, que está sempre mudando, assim como os discursos, e os discursos podem mudar dependendo de fatores históricos e sociais que se desenrolam. Conforme

Michael Pechêux, “a estruturação do discurso vai construir a materialidade de uma certa memória social” (1999, p.11). Nesse ponto, Pechêux fala sobre “memória social” o que pode nos levar a refletir: Como nossa memória é formada? Como ela é reafirmada? Estamos inseridos em meio a discursos que atravessam séculos, outros recém-formados ou ainda os adaptados conforme o tempo. A junção desses dizeres que nos cercam, ajudam a construir o nosso discurso, logo eles também são formados por memórias. Por sua vez, resgatamos os estudos de Althusser quanto aos aparelhos ideológicos de Estado, analisando que estes podem fazer o papel de fixador de memória/discurso. Sendo assim, podemos pensar nos discursos como heterogêneos, construídos a partir de várias ideologias. Segundo Fernandes, “toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso” (2007, p.51)

Uma formação discursiva resulta de um campo de configurações que coloca em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico. Porém, uma formação discursiva não se limita a uma época apenas; em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e, conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentido. (FERNANDES, 2007, p.58)

Dessa forma, surge a ideia de discursos “pré-definidos” ao nosso redor, o fato de estarmos sempre realizando o exercício de repetir dizeres e os modificando segundo fatores externos de influência. Mas essa interpelação é inconsciente, o sujeito não percebe que está repetindo outros discursos. Existe a impressão que somos a origem do dizer, nos vemos como fonte da fala.

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas”. (ORLANDI, 2003)

(...) os processos discursivos não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido”. (PÊCHEUX, 1997)

Ideias em revista

A análise dos discursos da revista *Ideias* mostra certa “submissão” da mulher – este que é um discurso que está inserido há muito tempo em grande parte do mundo. Mas, lembrando que até o século passado essa “inferioridade” era muito maior na sociedade, hoje em dia as mulheres estão conquistando cada vez mais seu espaço, porém ainda estão longe de conseguir igualdade. A mulher é vista como o sexo frágil, aquela que depende de um homem para protegê-la e sustenta-la. Mesmo hoje sendo mãe, trabalhadora, dona de casa, no fim, a ideologia que predomina é aquela que existe desde muito tempo. Mas, não quero generalizar, o discurso em torno do sexo feminino tem mudado sim, porém ainda há vestígios de diferenciação com o discurso voltado para o sexo masculino. O objetivo desse estudo é analisar como elas estão sendo representadas no texto jornalístico da revista *Ideias*. Há um tratamento desigual?

Fernanda Richa é matéria de capa em duas edições analisadas, número 51 e 98. Ela realiza vários projetos sociais em Curitiba, e o autor procura justificar o porquê dela realizar ações assim, conclui que é porque ela tem um perfil preferencial. Perfil esse que é preenchido com a influência de muitos homens. O jornalista cita todos do sexo masculino que estão por trás da formação de Fernanda.

A revista de número 53, trás na capa Maristela Requião, vista na matéria evidentemente como uma peça da campanha de Roberto Requião. Na entrevista ela desempenha aquele papel de mulher dona de casa que está sempre pronta para responder a favor do marido.

A revista número 81, a mais polêmica entre as analisadas, tem sua capa estampada com a tenente coronel Rita Aparecida, as evidências de um discurso “diferenciado” quando o assunto é o sexo feminino encontram-se logo no título dessa matéria “Não diga não para esta mulher”, mas e para as outras, posso dizer não? Porque para esta não? É porque ela tem um cargo de autoridade? É porque ela tem um cargo que geralmente é ocupado por um homem?

Outras revistas analisadas são a número 82 que trás em sua capa Ethiene Franco, jovem curitibana que representou o Brasil nas Olimpíadas de Pequim na equipe de ginástica olímpica. A edição número 91 tem Gleisi Hoffmann na capa, senadora e atual ministra da Casa Civil. A última edição analisada foi a de número 99, a capa estampada por Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança.

Batimentos teoria-análise

Fernanda Richa foi a primeira mulher que apareceu como capa da revista *Ideias*, por isso vamos começar a análise por ela. Sua primeira capa foi publicada em 2006, três anos depois, em 2009, Fernanda é capa de *Ideias* novamente. Há uma semelhança entre as duas matérias, no momento em que os autores vão apresentá-la. Eles insistem na ideia de que ela possui um “perfil preferencial”, apontando as influências que teve para se tornar a mulher que é. Mesmo Fernanda sendo responsável por vários projetos sociais em Curitiba, os autores querem mostrar todos os homens que estão por trás da formação dela, talvez numa tentativa de justificar sua capacidade em realizar projetos.

Ela tem perfil preferencial nos espaços dos socialites: “bem-nascida”, bonita, criada em berço esplêndido, teve como avô Avelino Vieira, e o pai, Tomas Edison de Andrade Vieira, banqueiros e partes da história do Estado; a educação foi aprimorada na Suíça e Inglaterra; é mulher de um dos nomes mais surpreendentemente promissores da vida política do Paraná, e nora de Arlete e José Richa – este uma legenda no processo de redemocratização do País. (Revista *Ideias*, 2006, edição 51, p.34)

Presidente da Fundação de Ação Social (FAS) da Prefeitura de Curitiba, Fernanda Richa é também esposa do prefeito Beto Richa. Neta de Avelino Vieira e filha de Tomas Edison de Andrade Vieira banqueiros que fazem parte da história do Paraná, ela é formada em Direito e teve a educação aprimorada na Suíça e na Inglaterra. (Revista *Ideias*, 2009, edição 98, p.12)

O uso desse discurso hereditário nos leva a refletir a partir do questionamento de Michel Foucault, em seus estudos de Formações Discursivas, “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (2007, p.49). Nesse contexto: por que a escolha dos autores por apresentar Fernanda Richa dessa maneira? A ideologia de que a presença de um homem é essencial na formação de uma mulher, fez parte na escolha do discurso dos autores?

O machismo – ideia de que os homens são superiores às mulheres – até meados do século passado era algo escancarado na sociedade, mas nos últimos anos, desde as conquistas femininas por sua emancipação, estão começando a reconhecer isto como errado e injusto. Mas, ainda podemos perceber que os discursos estão carregados de ideologias que remontam a outros momentos sócio-histórico culturais. Algumas ideias foram dominantes em outras épocas, porém ainda influenciam discursos.

Em outro trecho deste texto, o autor aborda um ponto de vista sobre mulheres ricas, subentendendo que elas são em sua maioria pessoas fúteis, tal conceito não é usado para homens ricos, por exemplo. Dessa forma, percebe-se mais uma evidência da ideologia machista atuando no discurso do jornalista.

Poderia preencher os dias e noites como fazem tantas outras com perfis e \$\$\$ que em alguns pontos se igualam ao dela: no *laissez-faire* dos torneios de “mundismo/consumismo”. E no exercício da vaidade das vaidades. (Revista *Ideias*, 2006, edição 98, p.34)

A próxima mulher que aparece na capa de *Ideias* é Maristela Requião. Mas as perguntas da entrevista são todas direcionadas para seu marido, ou seja, a entrevista é com ela, mas o assunto é Roberto Requião. O primeiro parágrafo só menciona as características políticas dele. É perceptível que, para o autor, Maristela é vista como uma parte da/peça de campanha de Requião. Dentre as nove perguntas endereçadas a ela, oito são sobre seu marido e apenas uma, a última, é sobre a sua função no Museu Oscar Niemeyer. As perguntas vão desde política, como: “O Paraná precisa de Requião mais quatro anos à frente do governo?”, até perguntas pessoais: “Como é o Roberto Requião no dia-a-dia?” ou “Como a senhora define Roberto Requião?”.

Questionamentos que podem ser lidos, em alguns momentos, como provocações a esposa do político – como na pergunta “Como a senhora, que é esposa do Roberto Requião, avalia essa tática da oposição de veicular no horário eleitoral gratuito trechos de vídeos em que o seu marido aparece diante de outra mulher e diz: Você é casada? Trai o marido?” - numa possível tentativa de que as respostas de âmbito doméstico, íntimo – tais quais as perguntas - da mulher acabem por desmerecer o marido e, por consequência, o político. Ou seja, os gestos de interpretação estabelecidos a partir da entrevista de Maristela Requião podem seguir dois percursos, o de afetação do político via espaço familiar e o de desmerecimento da mulher. Afinal, as perguntas não buscam saber sobre Maristela e seu trabalho, e sim sobre Requião, seu marido, e o espaço doméstico, aquele antes reservado para as mulheres enquanto aos homens destinava-se o público.

A função de Maristela à frente do Museu Oscar Niemeyer é quase completamente apagada e o jornalista a coloca no papel de dona de casa, respondendo as questões do marido, falando por ele. A posição de Maristela na entrevista é de complemento de seu marido, um verdadeiro acessório da campanha eleitoral dele.

Quanto ao discurso de Maristela, as respostas da entrevista são previsíveis, ela no seu papel de esposa defende Roberto o tempo todo, como em: “O governador Roberto Requião fez um governo que privilegiou os mais pobres. Afinal, governar é diminuir desigualdades”.

Esta resposta é típica de campanhas eleitorais. E também da posição que Maristela está falando é esperado essa defesa. Discursos como esses são explicados por Orlandi, para o autor somos seres carregados de ideologias e através do discurso nota-se isso, e que a língua produz sentidos por/para os sujeitos. (ORLANDI, 2003, p.17). Dessa forma, a figura de esposa já faz parte do discurso, devido aos interesses que estão por trás da fala.

Orlandi também tem outro estudo, dentro da FD, que se encaixa bem no discurso das campanhas eleitorais, épocas em que os políticos criam e resgatam falas para convencer. Discursos minimamente pensados. A ideia do que pode e deve ser dito.

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2003, p.43)

A próxima análise é referente a edição número 81, composta pela tenente coronel Rita Aparecida. Como a própria matéria cita, Rita é a primeira mulher a alcançar este cargo no estado e na região Sul do Brasil. A revista é de 2008, razoavelmente recente e mostra a dificuldade das mulheres quando o assunto é igualdade.

Um fragmento do texto mostra um discurso que é antigo e ainda sobrevive em nossa sociedade: “(...) ao invés de ser professora, decidi ser policial”. O uso de metáfora, para dizer que ainda hoje pensamos em profissões que são para homens e outras que são para mulheres. O papel da professora seria muito parecido com o da mãe, que tem a função de cuidar e educar. Com essa afirmação podemos concluir que as profissões para o sexo feminino são aquelas que possam remeter algum vínculo com o lar, com o lado materno. Pensamento do século passado, que ainda não foi deixado de lado.

A metáfora é aqui definida como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam. (Análise do discurso. ORLANDI, Eni, 2003)

Na matéria com a tenente coronel, alguns trechos de sua entrevista são muito marcantes, ela faz um depoimento de situações de “inferioridade” que passou dentro do quartel – local onde a figura masculina é muito mais forte (a ideia de ser uma profissão para o sexo masculino).

O raciocínio era o seguinte: se nos testes físicos, por exemplo, eu fizesse igual ao meu colega, não fazia mais que a obrigação. Se quisesse uma cruzinha a mais no currículo, só se for muito melhor que ele. Ainda assim, em turmas mistas, fui a primeira colocada. E mesmo com este mérito, todos os homens da turma foram promovidos a 2º tenente e eu e as outras quatro mulheres da turma, continuamos como aspirantes. Só com vários recursos consegui a promoção. (Revista *Ideias*, 2008, edição 81, p.18)

Mas o pior mesmo foi o momento em que todas as mulheres do batalhão, cerca de 200, se colocaram em forma no pátio do quartel-geral, para que os oficiais, da sacada do prédio, escolhessem quais iriam para suas corporações. ‘Quero aquela porque é magrinha e tem olho azul’. ‘Essa eu não quero porque é gordinha. É um bucho!’. Foi muita humilhação. Olhar para isso, sem poder fazer nada. (Revista *Ideias*, 2008, edição 81, p.18)

Saber que discursos como esses existem dentro de um quartel, onde a função é garantir a ordem e segurança é inacreditável. A situação além de apresentar marcas de machismo é humilhante. Retornando ao conceito de memória, o passado em que as mulheres eram reprimidas, não é só passado, é presente. São discursos que ainda não morreram, ainda vivem e se adaptam a situação que estamos. Olhando por fora, vemos as mulheres conquistando seu espaço, neste caso, no quartel. Mas a realidade lá dentro é outra. A igualdade está longe. A ideia de que autoridade e força combinam com o sexo masculino está cristalizada, então como mudar um discurso que sobrevive há tanto tempo? “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2003, p.43).

Considerações Finais

A partir do estudo das Formações Discursivas e análise das revistas o objetivo é saber: Quem é a mulher representada na revista *Ideias*? Em geral são mulheres comparadas a homens, mulheres colocadas lado a lado com homens mas não como igualdade, como ‘acessório’. A mulher retratada ainda sofre preconceito. Ainda é vista com submissão. E porque esse discurso machista perdura por tantos anos? Talvez seja justamente porque meios de comunicação, como a revista *Ideias*, por exemplo, usam discursos como este,

carregado de ideologias ultrapassadas, mas que ainda cercam a sociedade. Dessa forma, a partir do que ouvimos e lemos, tomamos para si alguns discursos. Muitas vezes usamos discursos automáticos e não percebemos que estamos realizando o exercício de repetir dizeres que não são nossos, e estes já estavam carregados de ideologias. Mas por a fala ser nossa, a ideologia passa a nos pertencer também.

A figura da mulher representada na revista são mulheres de políticos (homens poderosos), mulher que ocupa cargo tradicionalmente masculino. A representação feminina está sempre ligada a homens. Dentro da FD, isso seria explicado através das posições ideológicas, as palavras tiram sentidos das posições em que as pessoas se encontram. Neste caso, ser a mulher de um político teve o seu sentido ideologicamente determinado em outro momento histórico, momento em que as mulheres nem mesmo saiam de casa para trabalhar, por isso eram vistas como “a mulher do”, porém nos casos abordados na revista de Fernanda Richa e Maristela Requião, ambas possuem cargos importantes em Curitiba. Elas não são somente “as mulheres dos políticos”. Outro caso de posições ideológicas é o caso da coronel Rita Aparecida, que ganhou um tratamento diferenciado, foi abordada pela revista com mais respeito pelo fato de ocupar um cargo que é definido em nossa sociedade como masculino. Precisa-se tomar posições tradicionalmente masculinas pra ter respeito?

Falta uma abordagem mais atual sobre a figura feminina, falta abrir os olhos e ver o que elas conquistaram. Deixar para trás aqueles sentidos determinados no discurso devido a momentos históricos, espaços sociais e posições.

Referências bibliográficas

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: Reflexões Introdutórias*. 2.ed. São Carlos: Editora Clara Luz, 2007.

GADET, F; HAK, T (orgs.) . *Por uma análise automática do discurso: Uma Introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. IN:GADET, F; HAK, T (orgs.) . *Por uma análise automática do discurso: Uma Introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDINI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 5.ed. Campinas: Editora Pontes, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Naganime. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PEREIRA, Ariane Carla. Rota 66 em revista: as resistências do discurso do livro-reportagem. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2010.

Revista Ideias, edição 51. Fernanda Richa, a guardiã da cidade, p.34.

Revista Ideias, edição 53. “O paraná precisa de Requião, p.14.

Revista Ideias, edição 81. O desabafo da comandante, p.16.

Revista Ideias, edição 82. Ethiene Franco: a nossa menina curitibana em Pequim, p.24.

Revista Ideias, edição 91. Olha ela a outra vez, p.24.

Revista Ideias, edição 98. Entrevista com Fernanda Richa, p.12.

Revista Ideias, edição 99. Zilda Arns 1934-2010, p.28.